

// MARIA BEATRIZ ROCHA TRINDADE / Professora catedrática e investigadora

“É um bem para Portugal receber os que estão a chegar”

“É preciso mostrar o benefício do acréscimo de pessoas que nos estão a faltar em Portugal”, diz, em entrevista ao JF, a maior especialista portuguesa em emigração, explicando que nas regiões despovoadas do Interior os migrantes ainda terão um papel mais importante

Lúcia Reis

JORNAL DO FUNDÃO - Veio ao Fundão para uma reunião de trabalho sobre o projeto do futuro museu que terá a mobilidade como ideia chave, mas a sua ligação à região já vem de trás?

Maria Beatriz Rocha Trindade - A minha ligação com o Fundão data de há muitos anos, desde as célebres reuniões de análise política e social que eram organizadas pelo fundador e então diretor do Jornal do Fundão, António Paulouro, e onde vinha intervir sobre os problemas relacionados com as migrações. A partir daí, criei uma grande ligação com esta região.

Nos últimos tempos tem vindo a convite da Câmara Municipal. Tenho participado em iniciativas da Câmara, nomeadamente nos “Colóquios Labirintos da Memória”, em que participaram pessoas de referência como o professor Eduardo Lourenço, o escritor e jornalista Fernando Paulouro e Gérald Blancourt, o grande fotógrafo que deixou em imagens o retrato da emigração portuguesa para França. Num desses colóquios foi esboçada a intenção de criar no Fundão um museu ligado às migrações. A ideia é criar um marco relativamente às migrações e à mobilidade. Pretende-se que seja um espaço que diga a verdade sobre a emigração de forma construtiva e pedagógica e que possa constituir um polo de atração para o turismo. Um espaço que ajude a compreender porque é que existem determinadas motivações, resistências e dificuldades e de que forma elas devem



ser superadas. Um espaço que evoque a explicação da mobilidade de uma maneira verdadeira e pedagogicamente aceitável. **O Fundão é o lugar certo para um museu dedicado a essa temática?**

É evidente que o Fundão não representa a emigração de todo o país, mas é uma região importantíssima para instalar algo que possa informar sobre o fenómeno da mobilidade. Invocando-o e fazendo-o compreender sem avaliações nem juízos de valor. A ideia é instalar naquele grande espaço que alojou trabalhadores agrícolas temporários, alunos dos PALOP e o centro de acolhimento de refugiados, um centro evocador da mobilidade porque a mobilidade também é diversa. **Um espaço que no fundo ajude a compreender e a respeitar a diferença...**

Pretende-se abrir os olhos do público-alvo para a diversidade, mostrando que o mundo é cada vez mais diverso. Não se pretende valorizar como superior ou inferior, mas como diferente. É na valorização dessa diferença no tempo e no espaço que estamos a trabalhar: o presidente da Câmara, dr. Paulo Fernandes, em conjugação comigo e com o dr. Pedro Salvado. Temos uma perspetiva articulada da mobilidade. Os próprios museus de Arqueologia são um exemplo maravilhoso da mobilidade. São a materialização da presença humana que se deslocou de outros espaços e aqui se fixou. Nesta zona que é riquíssima do ponto de vista arqueológico, existem marcas materiais da presença de atores que se deslocaram. E, por outro lado, existe conhecimento direto de atores

vivos que fizeram migração. Atravessando o tempo e com um olhar retrospectivo, podemos ver o que está materializado e que sobrevive nesta zona do Fundão relativamente às deslocações. Ao mesmo tempo, podemos fazer uma ponte até à memória dos atores migrantes que se deslocaram e que viveram todas as dificuldades de adaptação, verificando como o homem tem sempre os mesmos rituais, os mesmos desejos, mas que os exprime e configura de forma diferente porque os avanços tecnológicos, as facilidades e dificuldades são diferentes em cada espaço e em cada tempo. **Como é que está a viver este novo desafio que a tem trazido ao Fundão?**

Este projeto do Fundão pretende ser diferente e é esse o seu grande encanto. Digo sempre que quem não conhece, não ama, mas quando se conhece tudo se explica, tudo tem um determinado sentido. É preciso levar as pessoas a conhecer o fenómeno das migrações. Não impondo, mas fazendo-o de uma forma atrativa. A minha ligação ao projeto surge na decorrência do muito que já fiz na área da museologia e concretamente da museologia das migrações. Fomos um país de emigração e agora somos um país de imigração. Teoricamente, não se pode falar de emigração ou de imigração. Agora fala-se de migrações. **É de mobilidade...**

Há duas variáveis indispensáveis para considerar o fenómeno da mobilidade e que são o espaço e o tempo. Toda a configuração da emigração se modifica conforme as disponibilidades. É evidente que quando se emigrava para muito longe com reduzidas técnicas de contacto e transporte quase que obrigatórias por mar, as pessoas iam e não voltavam. Apenas voltavam os de grande sucesso, que eram poucos. Quando se começou a emigrar para a Europa, ficava-se mais perto e começou a haver o ir e voltar. E a partir desse momento não mais se pode falar de emigrantes, mas de migrantes. **Para quem sai do seu país, o sonho continua a ser o retorno?** O retorno é uma condicionante permanente da mobilidade do migrante. Quando se vai, o importante é ir para vir o mais depressa possível, no entanto, é também evidente que os planos se vão modificando. As pessoas quando vão, não podem



PERFIL

Maria Beatriz Rocha Trindade é professora catedrática e investigadora e fundou o Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais na Universidade Aberta. Introduziu em Portugal o ensino da Sociologia das Migrações (Universidade Católica) e foi fundadora do primeiro mestrado em Relações Interculturais (1990/91). É autora de vasta bibliografia

sobre matérias relacionadas com as migrações e colaboradora de revistas científicas internacionais neste domínio, pertencendo a diversas organizações científicas portuguesas e estrangeiras. Tem sido distinguida com vários prémios. Em Portugal foi agraciada com a Grã Cruz da Ordem da Instrução Pública e em França com o grau de Chevalier da Ordre National

du Mérite. Maria Beatriz Rocha Trindade nasceu em Faro, é licenciada em Ciências Antropológicas e Etnológicas pelo ISCSP/Universidade Técnica de Lisboa, doutorada em Sociologia pela Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Paris-Université René Descartes-Paris V (Sorbonne) e agregada em Sociologia pela Universidade Nova de Lisboa.

imaginar que vão ter filhos, que os filhos se vão socializar no país onde passaram a residir que vão aprender a língua e que a mobilidade e disponibilidade económica lhes permitem o vai e vem. Nestas circunstâncias, os regressos deixam de ser imaginados como definitivos e passam a ser realizados sazonal ou pontualmente.

Voltemos ao projeto do futuro museu. Como se deveria designar esse espaço?

A ideia condutora é a mobilidade, mas dentro das várias mobilidades teremos também de ter migrações e memória. Em janeiro, apresentaremos um projeto de acordo com as orientações. **Foi a primeira pessoa em Portugal a estudar a emigração. Porque decidiu fazê-lo?** A emigração não era um tema apelativo para os estudiosos. Revelava uma insuficiência do país e era um detonador da má gestão relativamente aos governos. As pessoas não tinham o gosto pela mobilidade como temos hoje. O sair era mesmo necessário, la-se em busca de

"Vamos ser repovoados pelos que vêm de fora e que se refundirão connosco. Temos de arranjar forma de serem aceites e compreendidos"

uma vida melhor, fosse do ponto de vista material ou intelectual. **Emigrar era sempre uma solução forçada...** Tirando um grupo de intelectuais que saía por outras razões e que não era representativo, o grande bolo da emigração era uma emigração de natureza económica. Eu também saí do país porque o meu marido foi para Paris fazer um doutoramento com uma bolsa de estudo e eu fui atrás dele. Foi a escolha de um assunto para preparar a minha tese de doutoramento que me fez "cair" sobre os emigrantes portugueses e começar a estudar a emigração.

Já esteve no Centro de Migrações do Fundão?

Já. É um projeto de grande importância e que dá um louvor extraordinário à Câmara do Fundão. A aplicação de utilidade àquele grande edifício (antigo seminário) onde coabitam diferentes grupos ligados à mobilidade (trabalhadores temporários, refugiados e formandos) é perfeitamente adequada a um espaço sobre a compreensão do que é a mobilidade.

O mundo confronta-se com fenómenos migratórios, originários de países com regimes ditatoriais e que geram atitudes profundamente lamentáveis nalguns países de acolhimento. A Europa está a ter a atitude correta relativamente àqueles que arriscam a vida para cá chegar?

Não. Acho que é uma atitude incorretíssima. É uma opinião estritamente pessoal. A mesma Europa Schengen, que apregoa a liberdade, que deitou fronteiras abaixo, que imaginou a liberdade de circulação, uma maior abertura e perceção das

"A Europa que apregoa a liberdade e criticou os EUA e o México está outra vez a pensar reerguer fronteiras e a colocar arame farpado..."

diferenças está outra vez a pensar reerguer fronteiras e a colocar arame farpado. Penso que há uma incompreensão total, uma incongruência entre atitudes separadas por poucos anos. Temos que interrogar porque é que de repente a atitude muda e não há outro tipo de negociação. Tudo isto levanta grandes dúvidas sobre quem comanda a Europa e a atitude que está a ter.

Que papel poderão ter os refugiados para Portugal e particularmente para estas regiões despovoadas do interior?

Penso que, com o decréscimo populacional e a falta de mão de obra que existe em Portugal, é um bem receber os que estão a vir. No caso das regiões despovoadas, os migrantes ainda são mais importantes. É preciso promover ações de compreensão para mostrar o benefício que existe no acréscimo de pessoas que nos estão a faltar. Vamos ser repovoados pelos que vêm de fora e que se refundirão connosco. Como é que se fundou Portugal? Com os celtas, os iberos, os lusitanos, Portugal e o Fundão não são um manto de retalhos, de patchwork, mas uma tecitura, um tecido com várias fibras, que se misturam umas com as outras. Os que chegam não são melhores nem piores, têm outras formas e com o tempo vão inserir-se. E os filhos deles acabaram por ficar integrados. Vão-se modificando lentamente, através de uma inserção sem conflito que os levará a fazer parte do conjunto. O país precisa de pessoas e temos de arranjar forma de serem aceites e compreendidos. O espaço que está a ser pensado para o Fundão tem, também por isso, uma função pedagógica e social muito importante. Lembro que os portugueses foram muito rejeitados em França (falo por experiência própria) e, por via do estudo e do trabalho, houve ascensão social e atualmente a maioria dos portugueses é vista com respeito em todo o mundo.